

# 1 Introdução

É quase um consenso que a filosofia se inicia com Tales de Mileto e sua mais famosa proposição ‘tudo é água’. Um elemento a mais de que dispomos para demarcá-lo como precursor é a célebre história de que caiu num poço quando observava os astros. Este relato/anedota encontramos no *Teeteto* de Platão, diálogo onde está contida uma exposição/interpretação crítica do nosso objeto de estudo, a famosa sentença proferida pelo precursor da sofística que afirma o homem como medida de todas as coisas. Uma serva trácia, testemunha da queda de Tales, zomba dele por mostrar-se tão ansioso por conhecer as coisas do céu que não conseguia ver o que havia diante de seus pés.<sup>1</sup> Do ponto de vista platônico, a filosofia nasce quando se perde o chão, a terra firme por onde se acreditava transitar. Se aceitamos Tales de Mileto como marco, podemos afirmar que a filosofia se inicia com uma expressão de identidade entre um elemento físico (no caso a água) e o todo, abrindo-se a partir daí o problema perene acerca da constituição do particular e sua relação com a totalidade. Não obstante, nota-se que Tales, além de iniciar a busca pelo princípio de tudo o que existe, dizia ao mesmo tempo, que não é o homem, mas a *physis* a realidade das coisas. “Todas as coisas são cheias de deuses”<sup>2</sup>, afirma ele em outro de seus fragmentos, mostrando uma clara mudança na concepção e lugar da presença dos deuses: a montanha divina, o Olimpo, começava a erodir e a divindade passava a fazer parte do mundo vivo da *physis*.

As explicações que emergiam fora da mitologia grega tradicional faziam o pensamento confrontar-se com a *physis*, um mundo de coisas impessoais, indiferente aos desejos ‘arbitrários’ dos deuses. A especulação dos primeiros pensadores do cosmos, os chamados *physikoi*, segundo afirma Jaeger<sup>3</sup>, ocorria afastada, a princípio, da busca pela *arete*, ou formação humana. A função de guia educativo continuava a ser exercida pela poesia, a que se associavam os homens de Estado. Já havia elementos racionais infiltrados no mito, observa o autor, e, é claro, o mito e a epopeia influenciam nas concepções dos pensadores da *physis* e

---

<sup>1</sup> 174a

<sup>2</sup> Os Pré Socráticos. ‘Tales’. In: *Os Pensadores*. Aristóteles, *Da Alma*, 5, 411 a 7 (DK 11 A 22).

<sup>3</sup> JAEGER, 1979, p. 176.

de seus sucessores. No entanto, se não havia em suas especulações uma vontade consciente de educar e era a teoria, e não a *práxis*, o que impulsionava estes pensadores, quando ao debruçarem-se sobre o problema da *physis* ou do cosmos com explicações que pretendiam desvencilhar-se do arbitrário dos acontecimentos para basear-se no fundamento ou natureza das coisas, algo independente do homem, assentavam um modo inteiramente novo de pensar. O conceito de *physis* grego abarcava tanto o problema da origem, o que obrigava o pensamento a ultrapassar os limites da experiência sensorial, como a compreensão por meio da investigação empírica.

Contudo, ao mesmo tempo em que se dava início à busca da natureza das coisas em algo independente do homem, isto é, ao mesmo tempo em que ocorria uma ‘desmitologização’, a dificuldade do homem em não inserir a si mesmo em suas especulações em breve seria notada e já havia quem dissesse, como Xenófanes<sup>4</sup>, que os mitos eram projeções de elementos da personalidade humana. “Os deuses homéricos são obra do homem, e se os bois ou leões tivessem mãos, fabricariam deuses a sua imagem e semelhança”, afirma ele. Protágoras<sup>5</sup> mais adiante no tempo dirá: “Com relação aos deuses não estou em condição de saber nem que existem nem que inexistem, nem qual é seu aspecto: na verdade são muitas as dificuldades que impedem isso, a obscuridade do assunto e a brevidade da vida humana.”<sup>6</sup> Com esta declaração, Protágoras, sem dirigir uma crítica aos deuses como muitas vezes se interpretou, mostra um distanciamento dos deuses em relação aos homens. A frase promoveu polêmica e lhe ocasionou um processo por impiedade, todavia, dizer não saber se existem ou inexistem os deuses não é o mesmo que dizer que não existem. Semelhante a um cético, o sofista revela com esta afirmação que se abstém da resposta, suspende o seu juízo, mostrando a impossibilidade de, neste caso, saber com certeza.

O nosso objeto de estudo, a mais famosa sentença de Protágoras, “O homem é medida de todas as coisas, das que são que são; das que não são que não são”<sup>7</sup>, sugere uma mesma direção, querendo mostrar, dada a distância dos deuses, a centralidade da posição ocupada pelo homem. Se os deuses não se deixam afirmar, em que se apoiar para estabelecer normas e diretrizes de conduta? A

<sup>4</sup> Os Pré Socráticos. ‘Xenófanes’. In: *Os Pensadores*, fragmento B15.

<sup>5</sup> Protágoras nasceu em aproximadamente 490 a.C.

<sup>6</sup> SOUSA & PINTO, 2005, p. 82. (PROTÁGORAS, fr. B4).

<sup>7</sup> Ibid., p.79. (PROTÁGORAS, fr. B1)

proposição de Protágoras, que abria a sua obra intitulada<sup>8</sup> *A Verdade* ou *Discursos Demolidores*<sup>9</sup>, tal como ficamos sabendo, através de Platão, no *Teeteto*<sup>10</sup>, era bastante difundida entre os envolvidos no meio intelectual da época. Dentre o que nos restou dos escritos da sofística, a sentença provavelmente é o fragmento mais importante e certamente o mais difícil de ser interpretado. A enigmática sentença permitiu uma variedade enorme de interpretações, nos deixando um legado de múltiplas controvérsias. Ao começar a investigá-la, fomos bombardeados por muitas indagações e auferimos que a proposição do homem como medida é abrangente o suficiente para abarcar muitos níveis de significados. O que pretendemos, portanto, é expor, o mais amplamente que pudermos, o sentido da proposição.

Platão, no *Teeteto*, começa a análise da sentença interpretando-a exclusivamente como um problema acerca da percepção e do conhecimento. Mais adiante, como veremos, Platão amplia o significado da proposição de Protágoras considerando-a também no seu sentido de julgamento. É bastante provável que Protágoras tenha formulado uma teoria da percepção e é o que Platão nos induz a crer. Todavia, como educador, a atenção do sofista certamente dirigia-se principalmente aos juízos produzidos pelos homens. Neste sentido, o olhar de Protágoras concentrava-se nas formulações e juízos gerados pela linguagem, e nos usos e utilidade das normas e leis comuns, nos quais a percepção, claro, tem o seu papel. O *Teeteto*, por sua vez, mostrará que há na tese do homem-medida uma maneira em que se articulam os dois sentidos, o das percepções e o dos juízos produzidos através da linguagem. Sobre a extensão da palavra homem, a começar pelo homem enquanto indivíduo e suas percepções, Platão alterna o sentido de homem contido na sentença, referindo-se ora ao homem singular, ora ao homem enquanto coletividade e gênero. Mais uma questão surge ao lermos a frase: o homem é a medida de como as coisas são ou a medida da própria existência das coisas? Veremos também, a partir da interpretação platônica, que há uma alternância entre essas duas possibilidades. A nossa principal fonte de investigação da proposição é a análise crítica feita no *Teeteto*, que é, simultaneamente, um obstáculo e um estímulo para compreender a enigmático

---

<sup>8</sup> 161c

<sup>9</sup> SOUSA & PINTO, 2005, p. 63.

<sup>10</sup> 152a

fragmento. “E não teria Protágoras, esse poço de sabedoria, falado por enigmas para a multidão sem número, na qual nos incluímos, porém dito em segredo a verdade para seus discípulos?”<sup>11</sup> Ainda que atentos às dificuldades de compreender o Protágoras histórico a partir do texto platônico, notamos que o filósofo, mesmo distorcendo o pensamento do sofista, sempre deixa-nos uma brecha para a reconstrução de sua doutrina. Não obstante, como veremos, Platão não tem como pretensão despojar da proposição o seu teor de enigma.

Segundo Romeyer-Dherbey,<sup>12</sup> o pensamento de Protágoras possui uma estrutura que abrange três partes ou momentos, sendo esta estrutura essencial para compreender a doutrina do pensador, sua intenção e significado. O primeiro momento, considerado negativo, é o momento das antilogias, e os dois momentos seguintes, considerados construtivos, são a tese do homem-medida e o discurso forte, respectivamente. Uma vez que julgamos que o pensamento do sofista gira principalmente em torno da sua mais famosa sentença, a do homem-medida, proposição que, segundo Kerferd, é a chave “para o coração de todo o movimento sofista”<sup>13</sup>, e focalizamos a nossa pesquisa ao redor dela, o nosso percurso será diferente. Deste modo, resolvemos dividir o nosso trabalho em duas partes: no primeiro capítulo, intitulado *O homem como medida: dos sentidos à polis*, nos concentraremos em abordar da maneira mais geral e ampla possível o significado da sentença, sem perder de vista o seu contexto; no segundo capítulo, intitulado *Uma medida no imensurável: a linguagem como presença*, teremos como foco principal mostrar a importância do papel da linguagem para o sofista, assim como a relevância, sobretudo política, da crítica platônica à doutrina protagórica.

No primeiro capítulo de nossa pesquisa investigaremos a sentença de Protágoras, a começar pelo que aparece ao homem mediante os sentidos. Encaminhado pela questão típica da maiêutica socrática “o que é X?”, o objetivo declarado do *Teeteto* é a busca pela definição do conhecimento. A identificação entre conhecimento e percepção, a primeira definição testada pelo diálogo, é afirmada por Sócrates como sendo o mesmo que Protágoras afirmou, mas com outras palavras, quando disse que o homem é a medida de todas as coisas. Para o sofista, ausente na discussão, Sócrates afirma, tudo o que aparece a cada homem é

---

<sup>11</sup> 152a-c

<sup>12</sup> ROMEYER-DHERBEY, 1999, p. 17.

<sup>13</sup> KERFERD, 2003, p. 147.

tal como lhe aparece, e sendo impossível pensar aquilo que não é, tudo o que é experimentado como sensação ou percepção é verdadeiro. Veremos então que a concepção de Protágoras não admite identidade nem para o sujeito nem para o objeto, o que aparece é sempre determinado pelo encontro. Após a ênfase no que aparece através dos sentidos, seguiremos a análise com uma exposição do contexto filosófico em que se insere o pensamento de Protágoras, o que significa buscar as principais influências, identificando convergências e rupturas com o pensamento pré-socrático. E notaremos então que as noções de utilidade e de valor são essenciais no pensamento do sofista. Protágoras constata uma restrição e/ou seleção humanas em relação à presença do ser: as coisas aparecem ao homem segundo o seu grau de utilidade.

Uma vez que a interpretação platônica da sentença é a nossa principal fonte de acesso ao seu significado, as distintas formulações a respeito da alma e do corpo como produtores de conhecimento e consciência, tais como concebidas por Platão e pelo sofista são elucidativas. Notaremos, já a partir desta seção, intitulada *Alma e corpo*, que o pensamento de Protágoras é inteiramente marcado pela força produzida pelo discurso, e analisaremos então o polêmico fragmento do sofista, cujo remanescente texto encontra-se na *Retórica* de Aristóteles. Segundo o estagirista e a tradição que lhe sucedeu, ‘tornar mais forte o argumento mais fraco’ era o que o sofista de Abdera defendia e ensinava aos seus alunos. A partir de uma revisão da literatura, pretendemos fazer jus às concepções de Protágoras que, como teórico da democracia, aposta na realização das opiniões, tomando as opiniões dos indivíduos separadamente, o que evidencia a importância da fala para se obter voz nas decisões da *polis*. Analisaremos o mito fundador da democracia tal como relatado por Platão no *Protágoras* e, por fim, veremos como a sentença do homem-medida coaduna-se com a sentença sobre os deuses também do sofista. Frente à sua condição de finitude e sem que os deuses se deixem afirmar, o homem, ao ver-se a si mesmo como produtor de sentidos e de realidades pelo ato da fala, pode acreditar-se instaurador do real, levando tragicamente a sentença ao seu duplo sentido: o homem como desmedida de todas as coisas.

No segundo capítulo trataremos do problema da delimitação da medida, já que, com a desconstrução da identidade do ser e uma vez impossibilitada a remissão ao ser, o discurso ganha autonomia inédita e os próprios critérios de

medida e decisão são postos em questão. Começaremos analisando as *antilogias* ou os dois *logoi* de Protágoras que, apresentando uma realidade instável e indecisa, mostram ao mesmo tempo o homem insurgindo como delimitador de uma medida (ou de um critério), isto é, como balizador da verdade e/ou da decisão. Em seguida, em uma seção intitulada *A linguagem como presença*, notaremos que, já que tudo está em relação, sem identidade para o objeto, nem para o sujeito, e sem que haja um espelho absoluto para o qual o homem possa mirar-se, a linguagem é tornada candidata a ocupar este lugar, ou seja, com a restrição da presença do ser, tal como identifica Protágoras, a linguagem é tornada a grande soberana como reflexo do homem. Não obstante, observaremos como a noção protagórica de sábio, apesar de já operar no terreno lógico-argumentativo, é ainda bastante vinculada ao domínio poético. Com o auxílio de Sócrates, veremos então que, a partir da formulação do sofista, não há critério possível que possa determinar se as percepções/sensações individuais são fruto de uma experiência dos sentidos ou de uma experiência onírica. Em busca de uma saída para a indeterminação entre sonho e vigília, mas sem refutar a infalibilidade das percepções, Sócrates saca o argumento do futuro mostrando por fim e ao mesmo tempo: a impossibilidade de cada homem encontrar em si mesmo o critério de como as coisas irão de vir; e que (da perspectiva humana) há alguma regularidade e previsibilidade no movimento do sensível, já que as técnicas estão aí para provar. Não obstante, é justamente neste ponto que poderemos especificar em que consiste a principal rivalidade de Platão em relação a Protágoras.

Com este percurso somos levados a crer que conseguiremos mapear o amplo significado da sentença do homem como medida, sem perder de vista tudo que ela deve a seus antecessores, a seu contexto histórico, e principalmente a Platão, uma vez que é principalmente através de sua interpretação crítica que se faz possível empreender a reconstrução de seus significados. Nosso intuito consiste em situar, a partir da sentença, o problema referente à intrincada relação entre linguagem e realidade, assim como, e principalmente, o problema do critério, tanto com relação à tomada de decisão, quanto com relação à própria delimitação da medida humana. O que é trágico não é fraqueza do homem, mas a grandeza que lhe é exigida ao deparar-se com a verdadeira questão crítica, a questão do valor.